

LEROM ED OÃÇNEVNI A. Elenise Cristina Pires de Andrade, EE “Prof. Gabriel Pozzi”, Limeira – SP e Faculdades Network, Nova Odessa-SP. nisebara@uol.com.br

Resumo: Expressão. Expressa ação. Pressa na ação. Pressão do exprimível. Espremer a língua. Grito de dor. *Lentamente, progressivamente, levar a língua para o deserto. Servir-se da sintaxe para gritar, dar ao grito uma sintaxe* (Deleuze e Guattari, p. 40, 1977). *Prego é uma coisa indiscutível!* Seria uma quase-tese? Desde dentro. Limites esgarçados em linguagem trêmula. Empurrar a língua para uma desterritorialização absoluta. Sete e meio maquínico. Quase oito. Quase sete. Sete, quase. Oito, quase. Maquínico meio e sete. Absoluta desterritorialização, uma pára-língua a empurrar. Trêmula linguagem em esgarçados limites. Dentro desde. Tese-quase, uma série? *Indiscutível coisa uma é prego!* (1977, 40 p., Guattari e Deleuze) *Sintaxe urra grito ao dar, grita para sintaxe da servir-se. Deserto-o para língua a levar, progressivamente, lentamente.* Dor de grito. Língua a espremer. Exprimível da pressão. Ação na pressa. Ação expressa. Expressão.

Palavras-chaves: linguagem, quase-tese, sete-e-meio

Seminário do 16º COLE vinculado: 14

LEROM ED OÃÇNEVNI A

Elenise Cristina Pires de Andrade,
EE “Prof. Gabriel Pozzi”, Limeira – SP e Faculdades Network, Nova Odessa-SP

LeromMorel

Lentamente, progressivamente, levar a língua para o deserto. Servir-se da sintaxe para gritar, dar ao grito uma sintaxe (Deleuze e Guattari, p. 40, 1977).

(...) Como incorporar uma escrita de tese de doutorado que não expulsasse as marcações rítmicas dos sons produzidos pelos/as professores/as? Como desamarrar-me e a todos/as os/as demais invasores/as e/ou convidados/as da sedução da segurança dos mastros, junto a Ulisses, protegidos/as do desejo (ou da necessidade?) de ir ao encontro do canto das sereias? Como revirar-me, deslocarmo-nos, subverter-me, esparramarmo-nos na suspensão da contemplação da vertigem do silêncio que as criaturas marinhas nos/me lançam? (Andrade, p. 32, 2006)

Seu trabalho é um contraponto ao livro – no que se considera como “tudo está no livro” – a rostidade, o conjunto. Seu texto é a coletânea, um desafio ao descontínuo. Parece-me que a idéia do seu trabalho é confundir o livro com o objeto, igualar, em importância, a letra a palavra e a frase, desafiando a idéia de tese. Quase tese (Wladimir Antonio da Costa Garcia no exame de qualificação. In 7/2, p.57, Andrade, 2006).

Imagem α, silêncios que gritam

Professores/as-astros celestes, quase-tese, Morel, encontros, reminiscências e memórias, pesquisaescrita, INVASÕES, ESTRANHAMENTOS, HOSPITALIDADE INCONDICIONAL. Capítulos, 7/2. Repetições desde dentro no esgarçamento das limitações, das fronteiras, dos silêncios. (...) *O modelo se abisma na diferença, ao mesmo tempo que as cópias se afundam na dissimilitude das séries que elas interiorizam, sem nunca ser possível dizer que uma é cópia e a outra modelo* (Deleuze, 2006, p. 186). Devir-eu-outro-objeto indefinidamente no tempo e no espaço, na des-delimitação do envelope fronteiriço.

Envelope-páginas? Envelope-pele? Envelope-membrana plasmática?

Imagem ∞, fragmento da p. 50, Andrade, 2006

Invenção. Inventar-se. Se-ratnevni. Oãnevni.

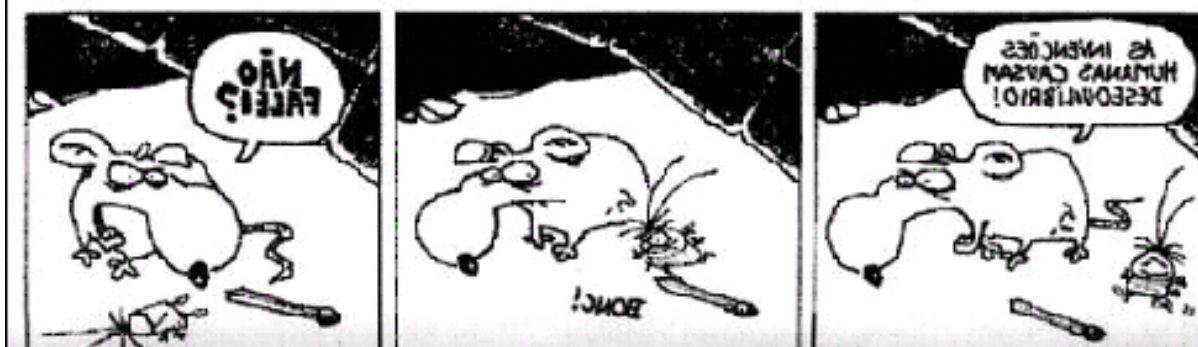
Inventar uma sintaxe para o grito. Gritar intensamente no silêncio da leituraescriturapesquisa em uma Tese de doutorado, Bioy Casares, Morel, Dissertação de mestrado, ensino de ciências e biologia, escola, professores e professoras. O berro do gato que admirou D. Chica MMMMMMMIIIIIIIAAAAAAAUUUUUUUUUUUUUUUUUUUU.



Baseada em Laerte, Folha de São Paulo, 29/11/2000



Laerte, Folha de São Paulo, 02/07/2000



Baseado em Fernando Gonsales. Fonte: <http://www.niquel.com.br>

Imagens 80, tiras de jornal espa(e)lhadas pelo capítulo 3¹ de Andrade, 2002.

¹ Título do capítulo: As especificidades da espécie humana perante os demais componentes do ambiente: considerações variadas sobre o tema da pesquisa: Ou a angustiante e fascinante descoberta de que não basta ser, é preciso também se tornar humano?

Durante a dissertação de mestrado (Andrade, 2002) o encontro com gatos, anjos, computadores, ratos, a criatura de Viktor Frankenstein, os replicantes de *Blade Runner* e a renúncia da tentativa de des-delimitação do humano a partir das modalidades biológicas e médicas. Parecia-me (e ainda me parece) que, juntamente a essa renúncia, saltava o que se expressava como implicância à ordenação e fixidez dos textos acadêmicos. Talvez por isso lutava, a todo momento, em todo lugar, normatizar/normalizar a escrita da pesquisa nas Propostas Curriculares de Ciências de São Paulo². Arnaldo Antunes e Octavio Paz são alguns dos invasores que busco para libertar o silêncio do grito na hospedagem.

As sereias entretanto têm uma arma ainda mais terrível que o canto: o seu silêncio. Apesar de não ter acontecido isso, é imaginável que alguém tenha escapado ao seu canto; mas do seu silêncio certamente não. Contra o sentimento de ter vencido com as próprias forças e contra a altivez daí resultante - que tudo arrasta consigo - não há na terra o que resista. (Franz Kafka)³

Silêncio ensurdecedor ecoado na/da normatização do estranho que me (en)canta no canto da invenção. Viagens pelos mares das escolas, cheios de silêncios ensurdecedores clamando ora para serem ouvidos, ora para serem apagados. O encontro da pesquisa escrita de doutorado (Andrade, 2006) em um possível outro entendimento das supostas linearidades escrita-imagem-representação. Quase-título: *A superfície ex-cri(p)ta em professoras e professores: curri, corre, colares, dores simulando silêncios ensurdecedores*. Tese balbuciante, gaga, ao propor outras (im)possibilidades para algumas permanências, por exemplo aquelas que delimitamos e fixamos ao nomear “currículo” e “professor/a”. Tensionar os limites da nomeação e deslizar pela correnteza do fluxo dos tremores e dos ritmos. *Escravos de jó jogavam cachangá; tira, põe, deixa ficar; guerreiros com guerreiros fazem zig-zig-zá.*

[...] para além da multiplicidade de enfoques, temáticas, metodologias e ações o campo do currículo passa por processos de subtração e esvaziamento da busca por sua essência. O currículo, ente em desconstrução, passa a constituir-se em bricolagens teóricas, metodológicas e de imaginação, além de expressar desejos por um vir a ser, ainda acontecimento – sua existência é quase alcançada, sua identidade quase estabelecida, suas desfigurações sempre o movimentando (Amorim, 2006, p. 4, grifos do autor).

² Documento curricular oficial da rede pública paulista para o ensino fundamental.

³ Conto: *O silêncio das sereias*. <http://www1.folha.uol.com.br/folha/almanaque/kafka2.htm>

Quase-curriculum. Quase-tese. Apostas em quase-professores/as na indeterminação bombástica causada pela fenda do “quase”. Não parece-me possível estabelecer limites e fronteiras na fluidez que escapa em “quases”. Professores e professoras (Lua, Titã, Aldebarã, Antares, Júpiter, Saturno, Sagitário, Virgem, Aquário e Leão)⁴ que se encontraram comigo e com um arquivo em *power point* com variadas imagens, fragmentos de textos, poemas. Que humano/a seria esse/a? Como “esse/a” humano/a perpassaria a sala de aula? Novamente o irromper do desmantelamento da “normalidade” do humano, a possibilidade de expressão pelos silêncios e interstícios da supremacia, porque considerada única, da linguagem humana. Minha intenção primeira era a “clássica” pesquisa a partir das respostas fornecidas às perguntas que explicitiei anteriormente. No entanto, (...) *ao re-encontrar os/as professores/as pelas minhas memórias voluntárias e involuntárias, escutas e fixação das gravações nas fitas K-7, um desrelacionamento escritura/imagem da necessidade de equivalência ontológica e epistemológica com um sujeito-autor (que vê, que escreve) e uma concretude real foi se tornando um orbital de ressonância para minha pesquisa de doutorado* (Andrade, 2006, p. 31).

Virgem – Achei muito legal essa sua apresentação, gostei muito. Enquanto você nos mostrava as Será que os encontros/cursos com professores/as, ao insistir quase que exclusivamente na fixidez de um discurso da/na escola imagens, eu me lembrava dos filmes que você passava para os alunos, sempre buscando essas discussões e me perguntava “Como é que a Elenise busca a matéria dela dentro disso daí?” na justificativa de atrelar-se ao “cotidiano concreto” do processo escolar não estariam transformando-se em fábricas de significados Quando você fala dessa questão da humanização, é muito legal, porque você vai lá na loucura da imaginação e, de repente, você traz à tona aquela realidade que está sendo criada nesse desenvolvimento e aproxima uma coisa da outra, apesar de serem tão distantes e, de certa forma, dá liberdade pra se buscar resultados. fantasticamente entediadas e imobilizadoras dos fluxos criativos? Fica legal, gostoso (Virgem e Andrade, p. 39-40, 2006)

Deixei-me caminhar pelas pulsações criativas nos tensores da descrita, não considerada como uma mediação entre imagens, professores/as, conhecimentos, idéias, pesquisadora. Expulsões da necessidade de interpretação e representação pela escrita como texto e intensificar a potência da linguagem nela mesma, no imediatismo dos flancos, dos interstícios, dos distúrbios que a gagueira e o *nonsense* provocam quando não há significantes nem significados *a priori*. Não há modelos nem cópias, escritor/as nem escrita, leitura nem leitor/a. Experiências. Cadências.

⁴ Minha vontade com tais chamamentos foi de identificar quais professores/as participaram de determinadas reuniões. As duas primeiras professoras – satélites – conversaram em um mesmo dia. Estrelas num segundo enquanto os planetas se encontraram em uma terceira reunião. O último encontro ocorreu entre as constelações do zodíaco. Todas essas conversas ocorreram durante o primeiro semestre de 2004.



Almanaque do Cebolinha, nº 85, p. 71-75, "Cada louco que me aparece...", Estúdios Maurício de Sousa, Editora Globo, 2005.

Há alguns anos desenvolvi um prazeroso trabalho com vários/as alunos/as de segundo ano do ensino médio com o filme *Frankenstein de Mary Shelley*. Entre um sem-número de conversas em todas as classes um aluno deduziu, radiante, que a criatura produzida por Viktor Frankenstein era um clone! "Claro, professora, foi como você disse, não teve fecundação porque o monstro não tinha pai nem mãe!". Fui paralisada por milésimos de segundo. Se ele estava completamente enganado por que minha imensa dúvida se deveria ou não corrigir-lhe imediatamente? O que estava a me paralisar e, ameaça de sensação, proporcionar-me um estranho alívio de contentamento? Ouso responder: a soltura do pensamento do aluno e de seu alegre assombro perante sua criação.

Imagem 8, fragmento da p. 86, Andrade, 2006

(...) A produção do sentido doado pelo non-sense na superfície da pele (ou do desenho da pele?) do Cebolinha, na superfície da lousa na qual "ensinava" ao aluno clonagem e Viktor Frankenstein. "(...) A linguagem parece, de qualquer maneira, impossível, não tendo mais sujeito que a exprima ou se manifeste nela, nem objeto a designar, nem classes e propriedades a significar segundo uma ordem fixa (Deleuze, 2003, p. 81)". (Andrade, p. 87, 2006).

Amnésia

(EUA, Memento, EUA, 2001)

O diretor Christopher Nolan conta este filme de trás para frente. Frente pra trás de, pouco a pouco, passo a passo, situação sua a entender tenta ele, assim Mesmo. Lembranças de minutos dois de mais guardar consegue não vendedor, trauma um de Depois. etnagitsnI.

Fonte:

<http://www2.uol.com.br/JC/especial/fundaj/retrospectiva.htm>
(visitado em 09/10/2006).



Imagem, fragmento da p. 23, Andrade, 2006

Memento: aquilo (por exemplo, um objeto) que recorda algo ou alguém; recordação, lembrança; marca ou nota que se usa para trazer alguma coisa à lembrança⁵.

Amnésia: rubrica: psicopatologia. Perda parcial ou total da memória⁶.

| | |
|------------------------|-----------------|
| Embarcar e seguir para | Sete, sete |
| Estados Unidos | Oito, sete |
| Sete e meio mil | Sete e meio mil |
| Oito e meio mil | Oito e meio mil |
| Oito e meio mil | Oito e meio mil |
| Oito e meio mil | Oito e meio mil |

Memento esquecido pela amnésia? Lembranças desmarcadas pelo memento? Dança das palavras no silêncio da inversão. Dança das palavras em um mesmo filme? *Eu sou ppobre, pobre, pobre de marré, marré, marré. Eu sou rica, rica, rica, de marré deci.* A inversão espelhada poderia ser uma alternativa à fixidez das sintaxes representacionais da/na escrita? O interstício do “entre” possibilitaria invocar nem um nem outro? Nem um e nem outro? Apostar em uma escritura política, nem imaginária nem simbólica, na intenção com que Deleuze e Guattari (1977) apresentaram a literatura menor de Kafka (...) *protocolos de experiência* (p. 13).

⁵ <http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?style=k&verbete=memento>. (Visitado em 03/07/2007).

⁶ <http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?style=k&verbete=amn%E9sia>. (Visitado em 03/07/2007).

Esgotar a linguagem com um texto gráfico por sobrevivência, velado por uma película mortífera tanato e que, por atravessar a superfície, hetero, por teimar em querer repetir-se sem troca, sem duplo, sem equivalente, sem autoria, bio despregado. Instituído numa marcação não natural, armado, manipulado, inventado, dolorido, muitas vezes invisível, duvidando sempre da coerência e da integridade dos seres-objetos, das próprias realidades pelas quais transita e pelas quais deixa de transitar. Revolvam, cavouquem, acrescentem, ignorem trechos, páginas, idéias que aqui apresento. Provavelmente o desnudamento do texto ocorra na ruína de seu rastro no/com o estupro da leitura.

Heterotaniobiográfico (Andrade, p. 131, 2006).

Página 24 de 24

Quase-tese que imita uma tese em busca da saída, assim como fez o símio no conto de Kafka. Não por admiração ou evolução, mas (...) *por uma destruição, por uma derrota: era sua única salvação, sua única possibilidade de sobrevivência libertando-se do minúsculo caixote em que se encontrava preso* (Rago, 2005, p. 41). Caixote da impressão, das gramáticas, perspectivas e metodologias, da encadernação, do preenchimento.

Quase-capítulos ardilosos que mimetizam capítulos de tese acadêmica metamorfoseando-se descontroladamente na “Invenção de Morel” e sua criação; com a “Luz do Sol” e a sua expulsão; em “O retrato de Dorian Gray” e a sua deformação; “Desde dentro da terceira margem” e a sua superfície. *I would prefer not to.*

Desinvenções. Quase-tudo/todos por reverbera que escritapesquisa na vida da expansão da Gagueira. Silenciosos porque Comunicativos. Vazios porque arruinados, inacabados imanentemente permanecerem para degladiam se que Fragmentos. Meio e sete. Otio-esauQ.

Referências Bibliográficas

AMORIM, Antonio Carlos R. *Ponto.Ponto.Ponto. Identidades, diferenças e imagens*. CD Rom da 29ª. Reunião Anual da ANPEd. Caxambu/MG, 17p. 2006.

ANDRADE, E. C. P. *Ser ou tornar-se humano? A concepção de ambiente na Proposta Curricular de Ciências do Estado de São Paulo*. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas, SP.

ANDRADE, Elenise C. P. *A superfície ex-cri(p)ta em professores e professoras: curri, corre, colares, dores simulando silêncios ensurdecedores*. 2006. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas, SP.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. Rio de Janeiro : Imago, 1977.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. 2ª edição. São Paulo : Graal, 2006.

DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. 4ª edição, 2ª reimpressão. São Paulo : Editora Perspectiva, 2003.

RAGO, Margareth. Rir das Origens. In SILVEIRA, Rosa M. H. (Org.) *Cultura, poder e educação: um debate sobre estudos culturais*. Canoas-RS : Ed. ULBRA, 2005.